

“De uma maneira geral, todas as ideias que visam ao futuro são utópicas, ainda não estão realizadas em parte alguma, por isso são tanto mais ativas, quanto menos realizadas são.”
Agostinho da Silva

Agora que o mundial de futebol, por maus motivos mais polémico de todos os tempos, já está a decorrer, mesmo os adeptos mais entusiastas de todas as outras modalidades não deixarão de acompanhar o evento. Poucos vão estar interessados em querer saber, quantos trabalhadores morreram, quantas famílias ficaram destroçadas, que corrupção houve para que este mundial se realizasse no Qatar. O que vai empolgar as pessoas e a comunicação social são os resultados dos jogos das seleções. Mesmo quem não está minimamente interessado no mundial de futebol não irá escapar. O mundial vai entrar pelas nossas vidas e casas adentro, seja através dos variadíssimos órgãos de comunicação social, seja pelas conversas do dia a dia na rua, nos cafés, nos locais de trabalho ou nos transportes públicos.

Do ponto de vista social e cultural não há, em Portugal, nenhuma modalidade que chegue aos calcanhares do futebol, que é um verdadeiro eucalipto das modalidades desportivas, no nosso país. O peso social do futebol, exceto em muito poucos países como por exemplo nos Estados Unidos da América, é dominante praticamente no mundo inteiro. Contudo não devo andar longe da verdade se disser, que em nenhum país da Europa, o peso cultural e social do futebol é tão preponderante, como no nosso país. A título de exemplo não conheço nenhum país europeu que tenha três diários desportivos, que praticamente só falam de futebol. Não conheço nenhum país europeu, que tenha tantos programas de televisão nos mais diversos canais generalistas com comentadores de apenas três clubes, para falarem de futebol.

Este peso esmagador do futebol sobre as outras modalidades, quer se goste ou não, é um dos fatores determinantes, para que um país com pouco mais de 10 milhões de habitantes e com forte cultura clubística e baixa cultura desportiva, alcance os resultados desportivos que tem obtido nas últimas três décadas.

No entanto, apesar dos resultados alcançados, há felizmente, no mundo do futebol quem esteja preocupado com a formação. Li atentamente a entrevista do treinador de futebol Luís Castro e à pergunta: "*É justo dizer que os clubes descuram nos escalões mais jovens? Ou seja, funcionam muitas vezes como uma empresa: o treinador quer subir de escalão. Se tiver resultados, é promovido. Os piores ou os mais inexperientes costumam treinar os mais jovens. Mas esse é o primeiro contacto com o futebol…* "

Luís Castro respondeu: "*Eu disse muitas vezes que o perigo está nos vencimentos que cada treinador tem por ocupar determinada posição. Se os sub-13 fossem pagos da mesma maneira que os sub-19, ou ainda melhor, se calhar não haveria essa tentação. O melhor treinador para os sub-13 dever muito bem pago. O treinador que tem melhores competências para treinar os sub-9 deve ser muito bem pago. Devia ser feito de forma uniforme, talvez, para acabar com essa tentação de subir para ganhar mais. Tem de estar onde tem mais competências. Quando um treinador tem bons resultados nos sub-11 quer ir logo para os sub-15. Se tem nos sub-15 quer ir logo para os sub-19. E depois eles com 27, 30 anos já querem ser treinadores de Primeira Liga. Há uma avidez pela escalada que pode ser fatal para o futebol de formação. Tem de haver extremo cuidado na escolha de recursos humanos para cada escalão.*
"

Para quem se interessa sobre estas questões da formação desportiva, sugiro que leia toda a entrevista de Luís Castro
.

A sua leitura conduziu-me, entre várias ideias, a pensamentos que há muito tempo ando a expor:

1. Diz-me onde gastas o dinheiro e eu dir-te-ei o que é importante para ti;
2. Porque será que no futebol os escalões são, à semelhança do desporto escolar, Sub-13, Sub-15 e Sub-17 etc.

Não me parece que estas ideias sejam na sua totalidade ou parcialmente utópicas é só uma questão de acreditar num caminho, não ter um discurso e uma prática diferente, e saber definir prioridades.